ALEXANDRE MÜLLER HILL MAESTRINI

LINDOLFO HILL
UM OUTRO OLHAR PARA A ESQUERDA

LINDOLFO HILL
acervo da família Hill

Alexandre Müller Hill Maestrini

LINDOLFO HILL
UM OUTRO OLHAR PARA A ESQUERDA

Instituto
Caio Prado Jr.

1ª edição
São Paulo, 2021

Instituto Caio Prado Jr., 2021

Edição *Alexandre Müller Hill Maestrini*
Revisão *Marisa Timponi P. Rodrigues*
Capa *Lindolfo Hill (arquivo da Família Hill)*
Diagramação e Edição Gráfica *Bruno Santana*

Conselho editorial: Angélica Lovatto (UNESP), Antonio Carlos Mazzeo (USP), Armando Boito (UNICAMP), Bia Abramides (PUC/SP), Edmilson Costa (ICP), José Paulo Netto (UFRJ), Luiz Eduardo Motta (UFRJ), Mauro Iasi (UFRJ), Milton Pinheiro (UNEB), Osvaldo Coggiola (USP), Paulo Barsotti (FGV/SP), Plínio de Arruda Sampaio Jr. (UNICAMP), Renata Gonçalves (UNIFESP), Sérgio Lessa (UFAL), Sofia Manzano (UESB)

Copyright @2021 Alexandre Müller Hill Maestrini

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
Bibliotecário: Lucas Rafael Pessota CRB-8/9632

M1861 Maestrini, Alexandre Müller Hill
Lindolfo Hill : um outro olhar para a esquerda / Alexandre Müller Hill Maestrini. - São Paulo : Instituto Caio Prado Jr, 2021.
250 p.

ISBN 978-65-87543-07-9

1. Marxismo 2. Política 3. Biografia I. Título.

CDD 335.43
CDU 141.82

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.
1ª edição: agosto de 2021

INSTITUTO CAIO PRADO JR.
Rua Dr. Alfredo Ellis, 183 – sala 124 – Bela Vista
01322-050, São Paulo – SP
icaioprado@gmail.com
mtpinh@uol.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO 9
APRESENTAÇÃO 11
IMPRESSÕES 13
INTRODUÇÃO 15
ORIGEM GERMÂNICA 23
CONTEMPORANEIDADE 27
CONTATO COM O PCB 31
VARGAS, II GUERRA E PCB 45
PCB DE JUIZ DE FORA 49
CARREIRA POLÍTICA NACIONAL 53
NOVOS VENTOS NA POLÍTICA MUNDIAL 83
EMPURRADO PARA A ILEGALIDADE 107
TENDÊNCIAS DE DIREITA 123
A REVOLTA DOS CIVIS 135
A QUARTELADA 141
O GOLPE NA QUARTELADA 151
O GOLPE POLÍTICO 153
O GOLPE JURÍDICO 155
JAPONA NÃO É TOGA 157
LIMPEZA POLÍTICA 169
INIMIGOS DO REGIME 175

IMPOSIÇÃO DO SILÊNCIO 179

LIBERDADE DE EXPRESSÃO
OU SUBVERSÃO? 183

OPOSIÇÃO CONSENTIDA 189

BRUTALIDADE DISFARÇADA
DE LEGALIDADE 193

VIDA NA CLANDESTINIDADE 209

LUTA PELA LIBERDADE DE EXPRESSÃO 217

TRISTE FIM DE UM VISIONÁRIO 229

DITADURA NUNCA MAIS 239

AGRADECIMENTOS 243

PERGUNTAS E REFLEXÕES 245

POSFÁCIO 247

PREFÁCIO

O momento histórico da publicação deste livro não poderia ser mais oportuno, pois homenagear este grande defensor dos direitos da classe trabalhadora e das liberdades democráticas, Lindolfo Hill, significa trazer sua prática de vida como exemplo que mesmo nos períodos mais obscuros de história política brasileira, é possível acreditar, resistir e lutar por uma sociedade justa e igualitária.

Oportuno porque passamos por um momento de retrocesso dos direitos da classe trabalhadora e das liberdades democráticas duramente conquistadas, muitas delas com a participação de Lindolfo Hill. No Brasil e no Mundo, o desmonte dos direitos trabalhistas e sociais e o reaparecimento de movimentos reacionários, que classe trabalhadora e das liberdades democráticas duramente conquistadas, muitas em plena luz do dia querem novamente tentar calar as vozes de todos os que se opõem ao modelo de sociedade que hoje vivemos, reafirma a importância da organização e mobilização dos que acreditam que uma nova sociedade é possível. Nas ruas alguns novamente bradam: morte aos comunistas!!

Na história política brasileira, da nova república até nossos dias, o PCB foi marcado por uma sistemática repressão, que o forçou à clandestinidade por mais da metade de sua existência de quase 100 anos (1922 – 2022). Lindolfo Hill vivenciou na pele grande parte deste período.

Quando os militantes do PCB-JF, organizando a corrente sindical Unidade Classista na cidade, resolveram homenagear Lindolfo Hill dando seu

nome ao Comitê de Base, pouco sabíamos sobre nosso Camarada, uma vez que todos os documentos do Partido Comunista Brasileiro, aqui em Juiz de Fora, e em grande parte do Brasil, foram confiscados pelas ditaduras e por revisionistas que trataram a documentação como propriedade particular, além da tentativa de apagar da história um dos mais importantes lutadores da Classe Operária de nossa cidade.

Nesta importante obra, de pesquisa e resgate histórico da organização da Classe Trabalhadora em Juiz de Fora, o autor Alexandre Müller Hill Maestrini, não só resgata a história de Lindolfo Hill, mas também faz uma abordagem da organização do PCB em Juiz de Fora, do PCB em Minas Gerais e Nacional, bem como os momentos históricos vividos por Lindolfo Hill desde a chegada de sua família da Alemanha em 1858.

Além de sua participação política em Juiz de Fora como militante comunista, sua atuação como vereador (caçado arbitrariamente) e sua importante participação na articulação e fundação do MUT (Movimento Unificador dos Trabalhadores), do qual foi coordenador nacional, vivenciamos na obra a dificuldade de uma militância Comunista nos momentos de repressão, com constantes perseguições, prisões, exílios e o distanciamento da família.

Com este livro, vemos a dimensão da militância do Camarada Lindolfo Hill, no seu tempo um dos mais destacados quadros do Partido Comunista Brasileiro nacionalmente. Militou com Luiz Carlos Prestes, Mariguela, Pedro Pomar, Ivan Ramos Ribeiro, Maurício Grabois, Amarílio Vasconcelos, dentre outros valorosos Camaradas. Foi membro do Comitê Central do PCB.

Lindolfo viveu momentos difíceis de um militante comunista. Sua atuação e dedicação ao Partido Comunista Brasileiro e às lutas trabalhistas lhe custaram emprego, liberdade, convívio com a família, constantes mudanças de endereço e longos períodos na clandestinidade.

As histórias dos militantes comunistas sempre estarão ligadas às histórias de lutas de seu povo, sua gente, onde mora, trabalha ou estuda, entrelaçada aos sonhos de paz, pão, trabalho, terra e moradia.

Injustamente relegado pela história oficial e vigorosamente reavivado pelas linhas do autor, fica, para as gerações atuais e futuras, continuar o regaste da história de vida e exemplo militante de Lindolfo Hill, intimamente ligadas à classe trabalhadora juiz-forana e brasileira.

Fomos, somos e seremos comunistas

Por Luiz Carlos (Kaizim) Torres Martins Júnior

Coordenador do Comitê de Base Lindolfo Hill - Unidade Classista - JF

Membro do Comitê Regional do PCB - MG

APRESENTAÇÃO

Juiz de Fora se destaca muito cedo, ao eleger Lindolfo Hill, o primeiro vereador comunista da cidade, em 1947, com a segunda maior votação entre os eleitos. Diante da informalidade do partido naquela época ele foi eleito pelo PTB.

Atualmente o Comunismo é legítimo e legalizado, porém ainda é demonizado por setores que não compreendem a democracia e o real significado da palavra (do latim *communis*: comum, universal), uma ideologia política e socioeconômica, que pretende promover o estabelecimento de uma sociedade mais igualitária.

Vivenciei a dura realidade do preconceito racial e partidário, quando do lançamento e durante o processo e campanha eleitoral a qual disputei a prefeitura de Juiz de Fora pelo PCdoB. Ainda reflexo de bombardeios com imagens nefastas das atividades comunistas que supostamente "matavam gente dormindo, estupravam e assaltavam" visão maniqueísta criada sobre o comunismo.

Em 2020, na disputa pela PJF, me vi em pleno ano de 1937/1938, na histeria anticomunista por alguns grupos. Lindolfo Hill, Juiz-forano nato, nascido em 1917 na Avenida Américo Lobo, no Bairro Manoel Honório, perde o pai com um mês de idade. Triste situação parecida com a minha que perdi meu pai com 10 meses de idade. Lindolfo Hill seguiu a profissão

de seu pai como pedreiro. Uma vez mais coincide com meu trabalho em Juiz de Fora: ajudante de pedreiro, chegando a trabalhar de pedreiro. Lindolfo Hill começa sua militância ainda jovem, com 17 anos. Novamente coincide com o início de minha militância em Juiz de Fora no movimento jovem, estudantil e movimento negro.

Não podemos permitir que sejam esquecidos, ou mesmo apagados, os importantes feitos e obras desse que considero ícone comunista e lutador juiz-forano. Jamais deixaremos deturpar e cair no esquecimento essa importante e comovente história. Faz-se necessário que essa obra pensada por Alexandre Müller Maestrini contribua para imortalização da figura de Lindolfo Hill e torná-lo símbolo não só do município de Juiz de Fora, mas de um cidadão honrado e mostrando sua importância para a conquista da democracia no Brasil.

Lindolfo Hill teve atuação marcante no Sindicato da Construção Civil de nossa cidade, inclusive presidindo o sindicato no período de 1942 a 1945. Primeiro Presidente da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário no Estado de Minas Gerais (FETICOM-MG). Ajudou a fundar o Movimento Unificador dos Trabalhadores (MUT). Participou como Delegado Nacional do Congresso Sindical Mundial em Paris entre os dias 20-09 a 08-10-1945.

Lindolfo Hill dedicou sua vida ao partido, à liberdade política, às causas sociais e à família. Em seu tempo, lutou pelo direito à cidadania plena e pelo direito às próprias opiniões que eram repreendidas.

Essa obra tem a finalidade de que forças sejam mobilizadas para o resgate de suas referências através de documentos da injusta cassação de seu mandato de vereador na câmara municipal. Documentos esses extraviados e "confiscados", em 1950 e em 1964, sendo que, até a presente data, não fazem parte do arquivo da Câmara Municipal de Juiz de Fora. Declaração de Lindolfo Hill: "Sem participação direta e ativa do proletariado na vida política não pode haver democracia".

Boa leitura!

Por Fernando Luiz Eliotério

Ex-presidente do PCdoB de Juiz de Fora

Primeiro Candidato do PCdoB a prefeito de Juiz de Fora, em 2020.

IMPRESSÕES

Nossas considerações iniciais se voltam para o desconhecimento deste personagem e suas ações políticas, mesmo para antigos moradores da cidade de Juiz de Fora. A pesquisa do autor aborda questões sociais e a dificuldade de entender o sistema de classe, divididos entre pobres, rotulados como de esquerda e ricos dominantes, de direita, que fizeram do anticomunismo a bandeira para manterem seus privilégios. Lindolfo Hill não teve reconhecimento de sua luta por se juntar à classe menos privilegiada, prejudicando sua imagem perante a sociedade.

Seus ascendentes alemães chegaram ao Brasil, escolhendo Juiz de Fora como ponto de partida para a construção de uma nova vida o que, de certa forma, contribuiu para o desenvolvimento da cidade. Desde cedo, Lindolfo Hill se volta para questões políticas, interessado na fundação do PCB, sempre muito atuante dentro do partido e seu viés ideológico, com questionamentos ligados à desigualdade já existente entre ricos e pobres.

Por conta da guerra, os imigrantes foram limitados e vigiados, principalmente italianos e alemães, resultando na desconfiguração do partido comunista e, como consequência, a repressão se torna ainda maior, com prisões aos líderes até então. A carreira política de Lindolfo Hill ganha corpo ao ser designado pelo partido em Minas Gerais para representar o estado em uma conferência nacional. Logo após, se torna presidente da Federação dos Trabalhadores das Indústria da Construção e do Mobiliário no Estado,

caracterizando-o como relevante ator nas lutas de questões sociais. Após a anistia do partido, o movimento político passa por transformações ao conquistar a liberdade para organizações partidárias, aumentando a importância da sua atuação dentro do principal eixo da política nacional.

Juiz de Fora se destaca no cenário ao eleger o primeiro vereador comunista da cidade como o segundo mais votado, mas Lindolfo Hill tem sua candidatura ligada ao PTB, diante da informalidade do PCB no TSE. O livro apresenta em detalhes uma linha temporal, registrando acontecimentos políticos no Brasil, refletidos pela ordem mundial, fato que apresenta as lutas do personagem com seus ideais sempre voltados para as classes dominadas e, nesse ínterim, Lindolfo Hill entra na clandestinidade após perder o mandato. Mesmo assim, contribuiu com o processo de reestruturação da linha política do PCB, desenvolvendo importantes ações em diversas regiões do país. Somente após doze anos, com a inauguração de Brasília foi absolvido pelos crimes então acusado.

A trajetória da política nacional tem pontos primordiais apresentados pelo autor, tendo como protagonista Lindolfo Hill neste cenário político. Sua imagem cai no ostracismo devido à ilegalidade provocada pela ditadura de 1964 e, somente anos depois, foi reconhecido pelo então vereador juiz-forano Geraldo Magela, homenageando-o dando seu nome a uma singela rua da cidade.

Após leitura, percebemos o quão importante é conhecer nossa história. O livro mostra de uma forma de fácil compreensão o desenvolvimento do partido comunista que cresce junto com o protagonista que aos 17 anos foi convidado a fazer parte do PCB. A leitura é leve e didática, mostrando aos leitores a trajetória do partido e de Lindolfo Hill dentro do mesmo.

Apesar de tantos dados históricos e datas, não é uma leitura maçante. Acreditamos que para leitores interessados na história de uma época que poucos conhecem, o livro terá uma ótima aceitação. Muitos moradores de Juiz de Fora ao lerem este livro perceberão que nada conhecem de nossa cidade, mesmo os que viveram aqui a vida toda e que tenham mais de 50 anos.

O autor possui uma forma de escrever sobre um assunto que seria bastante cansativo, se não intercalasse o passado e o presente. Agradecemos a oportunidade de ter lido seu manuscrito antes da publicação e conhecido um pouco da história de Juiz de Fora através de suas palavras.

Bons momentos de reflexão!

Por Maria Orminda A. de Almeida e Dr. Luiz Carlos Pessoa Nery

INTRODUÇÃO

Caro(a) leitor(a),

este livro não tem a pretensão de ser a biografia definitiva de Lindolfo Hill, pois novos documentos e pesquisas podem surgir e transformar minha interpretação.[1] Uma certeza é que Lindolfo Hill fez parte da história do PCB em Juiz de Fora, em Minas Gerais e no Brasil. Foi com o objetivo de fazer justiça a este personagem da cidade que resolvi pesquisar sua história e resgatar sua memória para que pudéssemos homenagear os que no passado lutaram por nós.

Mesmo sem conhecer a fundo, muita gente se opôs ao pensamento comunista e utilizou o anticomunismo com bandeira para justificar diversas barbaridades. Então, proponho refletirmos juntos durante a leitura desse livro:

Ser comunista é legal? Está dentro da lei vigente?

Ser comunista é legal? É democrático pensar assim?

Ser comunista é legal? Tenho direito de ser comunista?

Ser comunista é legal? Faz bem sonhar como comunista?

Em respeito e homenagem ao pensamento de Lindolfo Hill utilizei esta pergunta com dubiedade, propositalmente, para colocar uma luz diferente sob os julgamentos sobre o comunismo da época. Infelizmente, na época de Lindolfo, a militância no partido político comunista brasileiro implicava

1 PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes, um comunista brasileiro*. São Paulo: Editora Boitempo, 2015. p. 19.

historicamente o risco de morte, a tortura, a prisão, o exílio e a clandestinidade. Mas, em sua grande maioria, os comunistas da época de Lindolfo eram pessoas que tinham aderido ao partido, pois desejavam uma sociedade mais justa, mais igualitária e alguns por identificação com as lutas operárias e ou por fortalecer as organizações sindicais das quais participavam. Sonhar era crime? E ainda é?

Todo ser humano é produto de seu tempo e precisa ser interpretado, levando-se em conta o contexto e a temporalidade no qual viveu. Em sua existência terrena entre 1917 e 1977, Lindolfo Hill se tornou uma das vítimas de regimes autoritários, da ditadura militar, da falta de democracia do período e da falta da liberdade de expressão. Os fatores e acontecimentos locais, regionais, nacionais e internacionais o levaram Lindolfo Hill a fazer o que fez, pensar o que ele pensou, baseou suas decisões e influenciou sua visão de mundo.

Na sua época, a militância política de esquerda implicava o abandono de familiares e amigos e a vida na clandestinidade. Mesmo sabendo destes perigos ele ousou com sua coerência política e na defesa de seus ideais sociais. Para Lindolfo Hill ser comunista não era somente entrar para o partido, mas sim uma opção de vida.[2] Para ele, liberdade era uma vida sem medo e ele pensava que liberdade perde sua eficácia, quando se converte em privilégio.

Lindolfo foi o maior expoente político da família Hill de Juiz de Fora que se dedicou e lutou por melhores condições na sociedade brasileira, uma história que se confunde com a do PCB local e nacional e revela a face brutal da repressão do Estado Brasileiro para garantir os interesses da elite no poder, seja esta civil ou militar ou civil-política-militar.

O ser humano é prisioneiro de sua temporalidade.

Viajar, conhecer o mundo, ler livros estrangeiros e saber dos feitos internacionais é muito bom, porém é necessário que se conheça muito bem onde se está vivendo, a história do município onde cada um foi criado, dar valor ao que se está criando e desenvolvendo, mas acima de tudo é preciso reconhecer os personagens que construíram esta história. No caso de Lindolfo Hill, quero com estas pesquisas contrariar a máxima que diz: "os seres humanos são como os rios, sempre desprezados no lugar onde nascem".

2 RAMOS, Carlos Alexandre. *A democracia no pensamento político dos comunistas brasileiros (1979-1983).* São Paulo: UFSC. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/962/5615.pdf

Porém leitores, para entender a razão dessa minha afirmação é preciso ler este livro até o fim.

Às vezes é importante inverter a lógica usada até hoje no Brasil, que vem desde sua "descoberta", usando uma abordagem positivista e enaltecedora dos heróis "ricos e brancos" preocupados com a memória da classe dominante. É fundamental não só replicarmos a história «oficial» onde o vencido nunca teve vez, por isso o resgate é essencial. Lindolfo Hill não fez, até hoje, parte dos vencedores da "história oficial", por isso revirar o passado dele e apresentar um resgate literário foi minha busca em restituir sua imagem de importância para Juiz de Fora e para o Brasil.[3]

Sei que pesquisar o comunismo no Brasil é um prato cheio para os acusadores de plantão! Mas que fique aqui bem claro que acredito que não foi por acaso que em meu caminho me deparei com uma pessoa, um parente próximo, um lutador pelos direitos sociais dos menos privilegiados. Querer eliminar e aniquilar o adversário político já é antidemocrático, porém, se mesmo assim existir um grupo que queira eliminar o comunismo, que o faça dentro das regras da democracia e do estado de direito.

Meu tio-avô Lindolfo Hill, independentemente de ter sido comunista ou não, pensava livremente de uma forma diferente do poder constituído da época em que viveu. Acredito que não existia e não existe a necessidade de se sujeitar o povo a um desastroso regime de exceção ou extralegal. Para quem não conhece minhas ideias, antes de ler este livro, é bom saber de minhas convicções:

1) Defendo sempre que não se corrige as falhas da democracia com menos democracia, mas sim com mais democracia;

2) Repudio ditaduras de direita e de esquerda;

3) Defendo a liberdade democrática de expressão e o estado de direito;

4) Repudio a baderna e a tortura, o desrespeito à constituição, o autoritarismo e a arbitrariedade;

5) Não sou comunista, mas sim um ser humano social, inquieto e amante dos valores democráticos.

No atual momento político de 2018-2021 (período de minhas pesquisas), com um Brasil dividido e polarizado, com certeza muitos que estão hoje no poder gostariam que Lindolfo Hill fosse esquecido e apagado; mas

3 ANDRADE, Silvia Maria Belfort Vilela de. *Classe Operária em Juiz de Fora: uma história de lutas (1912-1924)*. 1984. 312 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, SP: Campinas. Disponível em: http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279042

foi justamente para evitar isso que decidi contar sua história, neste momento, a história de um herói social, pois acredito na liberdade de opinião como bem maior.

Com este livro não pretendo cometer anacronismo, isto é, utilizar os conceitos e ideias do presente para analisar os fatos do passado, pois sei que isso poderia de forma equivocada julgar valores que não pertenciam ao mesmo tempo histórico em que Lindolfo viveu. Mesmo com pesquisas profundas estou consciente que só pude ver a vida de Lindolfo Hill "por um buraco de fechadura" e que mais pesquisas e revelações precisam ser feitas e arquivos que hoje se encontram em estado de confidencialidade precisam ser disponibilizados.

Entender o Brasil e a política nacional não é simples, ainda mais com análises retrospectivas. Sociologicamente persiste no país uma divisão entre pobres (dominados e automaticamente considerados esquerdistas) e os ricos (dominantes e considerados direitistas que fizeram do anticomunismo a bandeira para manter seus privilégios supostamente ameaçados). Uma direita que combatia violentamente uma "suposta" tentativa de ditadura de esquerda/comunista, porém aceitava a chegada de uma ditadura da direita/fascista para que continuassem cada vez mais rica. Por outro lado, a esquerda polarizava e considerava reacionário e conservador todos que não fossem esquerda mais radical.[4]

Em Juiz de Fora, Lindolfo Hill saiu da zona de conforto, tomou partido, juntou-se aos explorados, defendeu valentemente os oprimidos contra os exploradores e teve covardemente cassado seu mandato legítimo de vereador conquistado nas urnas. Apesar disso, até hoje Hill nunca foi nem simbolicamente redimido e nem oficialmente reconhecido. Muito pelo contrário, documentos da cassação da Câmara Municipal de Juiz de Fora foram "confiscados" com paradeiro desconhecido em 1950 e em 1964 e, até hoje, não devolvidas aos arquivos da Câmara Municipal.

Quem será que tem medo da transparência?

Em 2022, o PCB completará 100 anos de existência no Brasil e este livro é uma semente de esperança que lanço para que juntos possamos analisar os fatos passados, preservando a distância temporal, com a lógica em busca da verdade, do entendimento e do debate, mantendo os princípios democráti-

4 VICTOR, Mário. *5 anos que abalaram o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira., 1965. p. 3 e 9.

cos de liberdade de expressão e da suposição da inocência.

Minha busca por informações objetivou contribuir para relembrarmos daqueles que se empenharam pela liberdade no seu sentido mais amplo. É fundamental resgatarmos as histórias de vida daqueles que lutaram por nós, não importando qual linha de pensamento adotaram, contanto que o motivo central seja sempre o ideal de um governo mais justo e social.

A motivação que me levou a escrever este livro foi o convencimento de que a democracia exige a legalidade de todos os partidos políticos, todas as colorações e todas as correntes de pensamento e ação, contanto que todos respeitem as leis e a constituição. Ao contrário seria democracia uma palavra falada "de boca pra fora", sem o real pensamento democrático de aceitar a opinião dos outros seres humanos, seja ela qual for. Por sua coerência política e ideais sociais, Lindolfo Hill acabou pagando um alto preço.

> **A democracia é bem mais capaz de atingir as legítimas aspirações do povo brasileiro do que a mais bem "organizada" das ditaduras.**[5]

Deveria ser um dever cívico da sociedade juiz-forana e dos historiadores em geral recuperarem a trajetória deste símbolo da cidade e do Brasil: Lindolfo Hill, herói de um tempo não muito remoto onde a cidadania plena e o direito à própria opinião não podiam ser vivenciados na sua totalidade. Esse era o ponto de vista das classes dominantes brasileiras da época.

Nenhum ser humano é perfeito e nem tem razão absoluta, porém alguns tiveram a audácia de dizer que Hill era ingênuo. Mas, depois de muito pesquisar, percebi aos poucos que Lindolfo Hill foi um símbolo de caráter inabalável e que em suas convicções ele concluía que um país rico é um país sem pobreza e desigualdades. Será que é proibido sonhar? Minha resposta é um sonoro não.

Dentro da minha cabeça mando eu.

Lindolfo Hill, o primeiro vereador comunista de Juiz de Fora, foi parcialmente eliminado de arquivos e demonizado pelo estigma do partido comunista, mas permaneceu na memória de seus familiares e de muitos que realmente o conheceram. Sua trajetória pessoal se relaciona com muitas

5 ALVES, general Osvino Ferreira. 26.6.1962 . Em: CARVALHO, Ferdinando. *Inquérito Policial Militar Nº 709: O comunismo no Brasil.* Volume 2º. Rio de Janeiro: BIBLIEx Editora, 1966. p. 183.

histórias coletivas e de um tempo em que a liberdade era coisa rara e lutar por ela considerado um heroísmo – ou era loucura?

Como um trabalhista de verdade, Hill definia sua vida por retidão, abnegação, ligação direta com o proletário, sendo ele mesmo um deles, mantinha contato constante com suas bases, defendia a legislação, o direito e causa dos trabalhadores e a proteção da família. Valores que estiveram presentes em toda sua vida partidária, sindical, política e parlamentar.[6]

O PCB não era um partido de mártires, mas sim de esperançosos no rumo de uma utopia. Um partido de homens comuns, com erros e acertos, sucessos e fracassos, bem brasileiros, bem nacionais.[7] Lindolfo jamais perdeu a sua essência, a crença num partido de trabalhadores, de indivíduos de carne e osso, comuns, mas que organizados e atuantes poderiam modificar a realidade em busca de um futuro melhor.[8] Por todos estes motivos tomei para mim, como meu dever cívico, resgatar sua história e oferecer ao meu tio-avô Lindolfo Hill esta homenagem póstuma.

Bem-vindo ao Estado golpista (1930, 1945, 1954, 1961, 1964, dentre outros) e suicida chamado Brasil - e você leitor, é parte deste experimento! Sinta-se parte dessa *terra brasilis* da contrarrevolução preventiva, pátria da guerra civil sem fim, dos genocídios sem nome, dos massacres sem documentos, dos golpes, dos processos de acumulação de capital feitos através de bala e medo contra quem se mover e tudo isso aplaudido por parte da população.[9]

Porém, calma! O Brasil não é exceção, todos os povos têm dificuldades em exercitar a memória de seus anos de ditadura. Não tenhamos ilusões, muitos franceses têm dificuldades de se relacionar com a França de Vichy, os alemães com a Alemanha do ditador Hitler, os russos com a Rússia do ditador Stálin e não seria diferente os brasileiros e as brasileiras terem dificuldades de lidar com os fatos de um Brasil ditatorial de 1964-1979, de um

6 OLIVEIRA, Luis Eduardo de. *Movimentações classistas e luta por direitos na Era Vargas.* In: *Trabalho, Proteção e Direitos: O Brasil na Era Vargas*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010. p. 85-86.

7 SEGATTO, José Antônio. *Breve história do PCB* – 2a edição. Belo Horizonte: Editora Oficina do Livro, 1989. p. 14.

8 SOUZA, Igor Dias Domingues. *Neres e o VI Congresso do PCB: organizar as massas contra a ditadura pela base.* Em Neres, da luta contra a ditadura à reconstrução do PCB. São Paulo / Belo Horizonte: Editora Raízes da América / Instituto Caio Prado Junior, 2019. p. 172.

9 LIMA, Kátia. *A Obra Sociológica de Florestan Fernandes*: Capitalismo Dependente e Contrarrevolução Preventiva. Em 6. Colóquio Internacional Marx e Engels GT 2 - Os Marxismos. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/a-obra-sociologica-de-florestan-fernandes.pdf

espírito de ex-colônia dominada, de uma sociedade escravagista e de uma história de muitos golpes militares, civis e políticos.

Mas lembre-se leitor(a), o poder é individual e vem de você mesmo, não é uma outorga de uma autoridade ou instituição. Assuma este poder!

Será mesmo que o olhar da memória é autoflagelação ou libertador? Até que ponto é melhor ser positivista e olhar pra frente, enterrando o passado, ou debater extensivamente para cicatrizar as feridas de dentro pra fora? Eu escolhi conhecer o passado para curar e libertar nosso futuro.

As ditaduras de todas as colorações instalam regimes do medo e este mesmo medo impede o questionamento das desigualdades que geram ainda hoje um Brasil instável com o fantasma ditatorial rondando e esperando para ressuscitar a qualquer momento.

> **Numa real democracia ser de direita, liberal, centro, de esquerda, trabalhista, socialista ou comunista é uma escolha pessoal e deveria ser respeitada. Porém uma ditadura não permite oposição de verdade.**

Acredito que somente teremos paz social, quando o Brasil fizer as reformas necessárias para criar uma sociedade mais justa:

1) Reforma agrária para criar uma numerosa classe de pequenos empreendedores rurais que estabilizarão a produção de alimentos, extinguindo a fome;

2) Reforma urbana para regular, planejar e estruturar o crescimento das cidades e suas populações;

3) Reforma e revisão do pacto federativo, pois a vida acontece nos municípios;

3) Reforma bancária com o objetivo de criar um sistema voltado para o financiamento das prioridades nacionais;

4) Reforma política, eleitoral e partidária com fidelidade partidária real e voto não obrigatório.[10]

Além dessas reformas que o país sempre precisou, aguardaremos ainda a reforma trabalhista, a reforma educacional e outras.

10 REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 24 e 72.

ORIGEM GERMÂNICA

Os bisavôs germânicos de Lindolfo Hill, Margaretha e Franz Hill, viviam numa casa simples no vilarejo de Wendelsheim no Grão-Ducado de Hessen (atualmente Alemanha) e de lá emigraram para o Brasil em busca de uma vida melhor no ano de 1858.[11] Franz nasceu em 22.5.1824 na cidade de Gensingen e casou-se com Margaretha Debler Hill. Ela tinha nascido em 16.8.1827 em Erbes-Büdesheim. O jovem Franz mudou-se para a cidade vizinha de Neubamberg, época em que conheceu Margaretha e tiveram uma filha, batizada de Margaretha Hill, em 20.2.1850.

A vida tomava seus rumos e, no ano seguinte, em 26.6.1851, em Wendeslheim falecia a sogra Margaretha Reinig Debler, mas também nascia em Wendelsheim, em 14.12.1851, a segunda filha do casal, Klara Hill. Com a família crescendo, resolveram se casar na igreja católica e Franz mudou-se definitivamente para Wendelsheim, passando a morar com a família Debler, na rua Neugasse 14.[12]

A vida não era fácil, mas o casal foi novamente agraciado, em 28.12.1855, com o nascimento de mais um filho que batizaram de Johannes Hill. Três anos mais tarde, em 1858, o casal emigrou para o Brasil, trazendo seus 3

11 ZIMMERMANN, Ivone. *Alemães e Austríacos em Juiz de Fora* — Retrato de uma Época: Genealogia das famílias Zimmermann e Umsonst. Rio de Janeiro: Editora Publit Soluções Editoriais, Vol. 2. 2015.

12 SCHWIND, Jakob. Entrevista sobre a história de Wendelsheim com o historiador Jakob Schwind. Wendelsheim – Alemanha, 15.7.2016

filhos e o sogro viúvo Jacob Debler. Boa parte das despesas da viagem e da nova vida na região do Parahybuna (atual Juiz de Fora – MG) foram financiadas com a venda da casa do sogro em Wendelsheim e, apesar do jovem casal ter emigrado com poucas posses em 1858, deixou para seus descendentes de Juiz de Fora uma boa herança com três alqueires de terra em capoeira, calculada no inventário em 24.5.1912, no valor de 900$000 (novecentos mil réis).

No local tinha uma casinha, um moinho e aguadas na "colônia Hill", como eram conhecidas as terras deles situadas no distrito desta cidade e fazendo divisa com a Fazenda de Santa Cândida (atual bairro Parque das Águas),[13] divisa com José Francisco de Assis e divisa com as terras da Câmara Municipal.[14] Em 1912 a família já estava na segunda geração e os herdeiros de Margaretha Debler Hill e Franz Hill já tinham formado uma grande família em Juiz de Fora:

Johannes "João" Hill, alemão, nascido em 1855 com 52 anos, casado com Bárbara Scoralick;

1) Margaretha "Margarida" Hill, alemã, nascida em 1850 com 54 anos;
2) Phillip "Felippo" Hill, 50 anos, solteiro;
3) Maria Hill, 44, solteira e residente em Pirapora;
4) Wunibaldo Hill (falecido), representado por seu filho Pedro Hill, 24 anos, casado com Florinda Augusta Hill, residentes na cidade;

Klara "Clara" Hill Thielmann (nascida em 1851 e falecida), representada por seus três filhos Sophia "Hill" Thielmann, 30 anos, viúva; Margarida "Hill" Thielmann Kappel, 28 anos, casada com Carlos Christiano Henrique Kappel e Wunibaldo "Hill" Thielmann, 27 anos, casado com Carolina Sell Thielmann.

Na abertura do inventário, os herdeiros decidiram vender, por procuração, os direitos da herança para Nicolau Jacob Scoralick por 250$000 (duzentos e cinquenta mil réis).[15]

O avô materno de Lindolfo Hill, Johannes Hill, nasceu em 28.12.1855 em Wendelsheim, na rua Neugasse 14 e emigrou em 1858 com os pais Margaretha e Franz para o Brasil.[16] Os desterrados imigrantes germânicos que

13 Disponível em: https://url.gratis/tih5PK

14 Arrolamento de Franz e Margaretha Hill – Fundo do Fórum Benjamin Colucci. , Juiz de Fora: Arquivo Central da UFJF. Caixa 60 / 30. Proc.

15 Fundo do Fórum Benjamin Colucci. Juiz de Fora: Arquivo Central da UFJF. Caixa 2808/ 23. Espólio de Franz e Margaretha Hill – Proc.

16 MAESTRINI, Alexandre Müller Hill. *Franz Hill – Diário de um Imigrante Alemão.* Juiz de Fora: Editora Editar, 2015.

aqui chegaram, sem relação com a terra, precisaram de um bom tempo até se adaptarem.

Johannes cresceu na Cidade do Parahybuna onde passou a exercer a profissão de ferreiro, casando-se com Dona Carolina Johanetta Weitzel, ela também filha de imigrantes germânicos, porém já nascida nesta cidade em 20.8.1862. Ela era filha dos germânicos Ignez Groben e Joseph Peter Weitzel; este casal também tinha emigrado para o Brasil da mesma região do Grão-Ducado de Hessen, da cidade vizinha de Gau-Bickelheim.

Carolina e Johannes passaram a morar com os pais Franz e Margaretha em uma das casinhas na Villagem da rua da ex-colônia de Dom Pedro II nº 70 (atual rua Bernardo Mascarenhas 707). Foi neste local, conhecido como a "Colônia Hill", que tiveram seus três descendentes. Em 29.3.1880, o nascimento do primogênito Carlos José Hill (pai de Lindolfo Hill) trouxe alegria para a família; mas, para a tristeza geral, já em dezembro de 1881 falecia o patriarca imigrante Franz Hill.

A vida continuava e com apenas 27 anos incompletos, no dia 25.3.1889, falecia a esposa Carolina deixando os três filhos aos cuidados do pai Johannes.[17] Ele sabia que os pequeninos precisavam de uma "mãe", assim já no ano seguinte, em 4.9.1890, Johannes Hill, germânico de nacionalidade, mas assinando com o nome abrasileirado de "João", casou-se novamente no regime de comunhão de bens com Bárbara Scoralick. Ela, com 26 anos, tinha nascido na Cidade do Parahybuna, no dia 29.10.1868, e era filha de Magdalena e Jacob Scoralick, amigos do pai Franz Hill. A cerimônia simples desse segundo casamento de "João" foi realizada às 14 horas, na casa da família Hill, pelo Juiz de Paz George Francisco Grande.

O novo casal Bárbara e Johannes, com seus três filhos, continuaram a morar na casa da família Hill, na Villagem. O terreno da casa tinha 7,5 metros de frente e sessenta de fundos, medindo no total 450 metros quadrados.[18] A morada simples no valor de 473$000 (quatrocentos e setenta e três mil réis) era de um pavimento, um pouco recuada do alinhamento da rua, coberta de telhas e assoalhada. Na fachada frontal da "casa dos Hill", em estilo padrão das casas da Villagem, com duas janelas na frente, a entrada era feita pela lateral no térreo.

O pai de Lindolfo Hill, Carlos José Hill, com a profissão de constru-

17 Fundo do Fórum Benjamin Colucci. Juiz de Fora: Arquivo Central da UFJF. Caixa 239 / 23. Inventário de Joanna Hill – Proc.

18 O terreno dos Hill chegava até a divisa da antiga Escola Agrícola – local do atual 17. Batalhão Logístico Leve na rua General Deschamps Cavalcanti, localizado na antiga região da Boa Vista, hoje conhecido como Bairro Fábrica.

tor, viveu em Juiz de Fora, exercendo seu ofício como profissional liberal e administrando uma pequena empresa da construção civil. A empresa registrada como "Carlos Hill – Construtor de Obras" funcionava na Avenida Américo Lobo 795. Especializada em pequenas obras, era também um dos fornecedores de materiais para as obras públicas da Câmara de Juiz de Fora, que nesta época fazia também o papel de poder executivo como prefeitura. No ano de 1916, entregou 157 carroças de areia para a construção do "paredão da Germânia", que estava sendo executada pelo poder público municipal.[19]

Os pais de Lindolfo casaram-se no Fórum de Juiz de Fora, às 15:30 horas, no dia 17.5.1902. A mãe Dona Eliza Scoralick Hill era filha dos imigrantes germânicos Anton "Antônio" Scoralick e Dona Margaretha "Margarida" Hahn Scoralick. No dia do nascimento de Lindolfo/Lindolpho ambos os avós já eram falecidos.

Filho de Dona Eliza Scoralick Hill e Carlos José Hill, Lindolfo Hill nasceu em Juiz de Fora, no dia 15.1.1917, às 23 horas. Veio ao mundo na casa onde moravam na Avenida Américo Lobo, 795 no Bairro Manoel Honório. Como a maioria dos descendentes de imigrantes germânicos de Juiz de Fora, Lindolfo Hill não era de família rica; e comum para a época, Lindolfo foi registrado somente no dia 19.1.1917.

Infelizmente Lindolfo veio a perder o pai tragicamente no dia 18.2.1917, quando tinha apenas 1 mês de idade e, sem a força de trabalho do pai, cresceu em condição econômica humilde em Juiz de Fora junto com os 4 irmãos Maria, Ermelinda "Linda", Madalena "Lena" e Carolina Hill. Foram criados sob os cuidados amorosos de sua mãe Eliza Scoralick Hill, mas, sem o marido, a vida tinha se tornado mais difícil para a viúva de Carlos José Hill.

19 AHJF. *Fundo República Velha*. Série de obras públicas, fornecedores (em organização). Juiz de Fora, 5 de fevereiro de 1917.

CONTEMPORANEIDADE

Coincidência ou contemporaneidade, do outro lado do mundo, em outubro e novembro de 1917, ano do nascimento de Lindolfo Hill, em Petrogrado e Moscou os bolchevistas (totalitaristas) derrotaram as correntes socialistas mais moderadas e implantaram, pela primeira vez na história da humanidade, a ditadura do proletariado.

O primogênito Lindolfo Hill ainda era pequeno, quando entre 25 a 27.3.1922, ocorreu o Congresso de Fundação do Partido Comunista do Brasil em Niterói, mas o que poderiam fazer 73 militantes espalhados pelo Brasil? [20] Participou também um grupo de Juiz de Fora. O estatuto do partido PC-SBIC (Partido Comunista – Seção Brasileira da Internacional Comunista) foi publicado no Diário Oficial da União em 7.4.1922.[21] No âmbito internacional, em dezembro de 1922, ocorreu o I Congresso dos Sovietes de toda a união e a ocasião marcou a fundação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) com quatro participantes: Rússia, Bielorússia, Ucrânia e Transcaucásia. [22]

Três anos mais tarde, em 1925, nascia o Partido Comunista de Minas Gerais, formando seu primeiro núcleo em Juiz de Fora pelas mãos do cario-

20 KONDER, Leandro. *As ideias socialistas no Brasil*. São Paulo: Editora Moderna, 1996. p 32.

21 VINHAS, Moisés. *O Partidão – A luta por um partido de massas 1922-1974*.São Paulo: Editora Hucitec, 1982. p. 9 e 10.

22 PERALVA, Osvaldo. *Pequena história do mundo comunista*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964. p. 71 e 79.

ca Adelyno Decola dos Santos e de Luiz Zuddio. Em Juiz de Fora, residiam alguns estudiosos das questões sociais surgidas no "pós-guerra" e o PCB procurava levar a semente das ideias aos centros industriais e ferroviários. Em seguida o PCB buscou levar as ideias comunistas às repartições públicas, aos meios estudantis e comerciais. Juiz de Fora não foi diferente, uma das cidades industriais da época, oferecia um solo fértil para todas essas atividades.

Luiz Zuddio era um jovem contabilista, o guarda-livros responsável pela contabilidade da empresa onde trabalhava. Tinha uma certa folga, andava de bicicleta para baixo e para cima, fazendo contato com o pessoal. Toda noite dava aulas de marxismo na União Operária, como Marx fazia na Europa. Ele trabalhava voluntariamente nas portas de fábrica, mas sabia que era preciso educar os trabalhadores. Zuddio tinha uma perspectiva extraordinária, uma consciência do futuro do movimento social e reunia grupos de operários para ensinar aos líderes operários economia política, mais-valia e outros, fazendo com que os operários ficassem sabendo como eram roubados e assim poderiam ter consciência de classe para lutar melhor.[23]

Este era o trabalho de instrução que os comunistas acreditavam e realizavam, mas eram sempre vigiados pela polícia política e assim muitos dos envolvidos na atividade foram perseguidos. Zuddio foi assassinado por militares em 9.11.1935, quando fazia pichações em muros em Juiz de Fora,[24] além de distribuir panfletos do Comitê Regional da Mata do PC-SBIC no bairro São Mateus.[25]

Na outra ponta extrema direita "das ideologias", em 30.12.1924 era criado o órgão do governo brasileiro, o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) da Polícia Federal, utilizado principalmente durante a ditadura do Estado Novo e mais tarde no Regime Militar ditatorial iniciado em 1964, cujo objetivo era controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder.

---

23 ZILLER, Armando. *Armando Ziller*. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2000. 390 p. (Coleção Memória política de Minas; 3). Disponível em: https://dspace.almg.gov.br/bitstream/11037/354/3/354.pdf

24 FIGUEIREDO, Camila Gonçalves Silva. *Por uma vanguarda revolucionária*: Estratégias do PCB junto aos trabalhadores urbanos em Minas Gerais (1945-1964). Doutorado em História - UFJF. Programa de Pós-Graduação em História. Juiz de Fora, 2017.

25 SANTOS, Alessandra Monzo dos. *O PCB e seus militantes*: alguns indícios de sua atuação e trajetória em Juiz de Fora (1930-1964). Em: Anais Eletrônicos do I Seminário Dimensões da Política na História: *Estado, Nação, Império*. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2007.

Entre 16 e 18 de maio de 1925, ocorreu no Rio de Janeiro o II Congresso do PCB, onde se discutiu a política nacional e a situação internacional. Na parte de organização, os temas foram a reforma do estatuto, as células, os comitês regionais, o serviço da direção, os comitês de agitação e de propaganda e a organização da Juventude Comunista.[26]

Inclusive com uma seção em Juiz de Fora, os comunistas pleiteavam a nacionalização das terras e divisão dos latifúndios, a abolição da dívida pública, a nacionalização de empresas, indústrias e bancos "imperialistas", a liberdade de expressão e imprensa, o direito de greve, a jornada de trabalho de 8 horas, a lei de férias, o aumento do salário e outras medidas sociais para os trabalhadores. Nessa época o Brasil era considerado um país semicolonial de economia agrária baseada na grande propriedade, na exploração das grandes massas camponesas e economicamente dominado pelo imperialismo (empresas estrangeiras).[27]

O Brasil acabara de sair do regime escravista em 1888 e, com o início da industrialização brasileira, as condições de vida e trabalho do proletariado eram bastante difíceis com a jornada de trabalho chegando a 13, 14 até 15 horas por dia, sem descanso semanal remunerado nem férias anuais. Vale lembrar que nesta época não existia o contrato de trabalho e os operários eram admitidos e despedidos verbalmente, sem qualquer tipo de indenização. Em caso de doença ou acidente de trabalho, o empregado não contava com assistência do empregador.

Com salários baixos, a vida dos trabalhadores era precária, resultava em subnutrição e más condições de moradia. O ciclo econômico e social era vicioso: com o custo de vida alto, crianças e mulheres também eram obrigadas a entrar no mercado de trabalho e, consequentemente, a abundância de mão-de-obra acarretava desemprego e queda nos salários.[28]

26 SEGATTO, José Antônio et alli. *PCB: Memória fotográfica (1922-1982).* São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. p. 16.

27 ZAIDAN FILHO, Michel. *Comunistas em céu aberto* – 1922 – 1930. Belo Horizonte: Editora Oficina dos Livros. 1989. p. 22, 31, 43 e 51.

28 SEGATTO, José Antônio. *Breve história do PCB* – 2a ed. Belo Horizonte: Editora Oficina do Livro., 1989. p. 19.

CONTATO COM O PCB

Foto: arquivo da família Hill.

O jovem Lindolfo cresceu em sua cidade natal Juiz de Fora, na Zona da Mata das Minas Gerais - Brasil, e, seguindo a profissão de seu falecido pai, tinha se tornado trabalhador da construção civil, exercendo a profissão de pedreiro.

Em janeiro de 1927, com a suspensão do Estado-de-Sítio, que durou de 1922 a 1926, o PCB fazia sua primeira "tentativa" de atuação na legalidade através da criação do Bloco Operário e Camponês (BOC) com todas as condições para participarem da vida política eleitoral.

Os militares iniciaram as propagandas anticomunistas,[29] mas, mesmo

29 FICO, Carlos. *O golpe de 1964* – momentos decisivos. Belo Horizonte: Editora FGV, 2014. p. 24.

neste cenário, a União Operária de Juiz de Fora, que tinha sido legitimamente fundada em 1.7.1927 sob orientações dos militantes comunistas, manteve a tradição dos trabalhadores locais de se organizarem em associações de diversos ofícios.

Dentro da União Operária, membros do PCB exerciam certa supremacia e compunham a comissão executiva. O estatuto da União Operária foi também elaborado pelos companheiros de orientação comunistas José Marcílio, secretário-geral; João Salvi, tesoureiro; Luiz Zuddio, primeiro-secretário e Sebastião Bernardes, como procurador.[30]

Em 29.12.1928, o PCB reuniu 31 delegados no III Congresso Nacional em Niterói, na sede da Federação Operária do Estado do Rio, com uma polêmica interna sobre a atuação do partido no âmbito sindical, além de uma extensa pauta com 16 temas no sentido de aprofundar a análise da situação econômica, política e social do Brasil e o papel da classe operária no movimento revolucionário em marcha desde 1922.

Com mais de 70% de analfabetos (que não podiam participar das eleições!), o Brasil continuava na mão de um legislativo e um executivo já constituídos e dominados pelas oligarquias; já que nesta época ainda não existia a Justiça eleitoral. Em 1930, com um golpe militar, Getúlio Dorneles Vargas chega ao poder. Neste ano, o PC contava com somente 800 militantes espalhados pelo imenso Brasil.[31] Assim, se recusando a enquadrar-se na lei de sindicalização da Era Vargas, em 1930-1931, a União Operária se viu fragilizada e desarticulada, sofrendo sob a vigilância, repressão policial e cada vez mais criminalizada.

Foi nesta mesma época de Getúlio Vargas que começaram as práticas violentas de torturas contra os "inimigos políticos", isto é, todos aqueles que pensavam diferente. Em Juiz de Fora, além de perseguirem sistematicamente os comunistas, as autoridades policiais, visando intimidar os trabalhadores locais, ameaçavam ampliar o raio de ação repressivo até para pessoas suspeitas de serem simpatizantes do "credo vermelho" e da União Operária.[32]

30 SANTOS, Alessandra Monzo dos. *O PCB e seus militantes*: alguns indícios de sua atuação e trajetória em Juiz de Fora (1930-1964). Em: Anais Eletrônicos do I Seminário Dimensões da Política na História: Estado, Nação, Império. Juiz de Fora :Clio Edições Eletrônicas, 2007.

31 KONDER, Leandro. *As ideias socialistas no Brasil*. São Paulo: Editora Moderna., 1996. p 37.

32 OLIVEIRA, Luis Eduardo de. Movimentações classistas e luta por direitos na Era Vargas. Em *Trabalho, Proteção e Direitos: O Brasil na Era Vargas*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.